Alexandre de Araújo Rabelo Júnior

ANÁLISE DAS HABILIDADES PSICOLÓGICAS DOS ÁRBITROS DA FEDERAÇÃO MINEIRA DE FUTEBOL

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais
2010

Alexandre de Araújo Rabelo Júnior

ANÁLISE DAS HABILIDADES PSICOLÓGICAS DOS ÁRBITROS DA FEDERAÇÃO MINEIRA DE FUTEBOL

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Paolucci

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais
2010

AGRADECIMENTOS

Ao fim de quatro anos de muitos estudos, conquistas, crescimento e acima de tudo muita alegria ao cursar o curso de Educação Física da UFMG, agradeço a todos aqueles que contribuíram para meu crescimento, que dividiram todas as dificuldades durante o caminho e acima de tudo estavam sempre ao meu lado, em especial aos meus avós Alírio e Neiva, as amigas Beatriz e Társilla pela companhia sempre necessária e Marcela, pela força e apoio de sempre e aos colegas de faculdade Ludmila, Gabriel e Ana por todos os momentos juntos e a todos os colegas de sala No Dollars.

Ao orientador, Alexandre Paolucci, pelo auxilio e acompanhamento sempre que necessário.

E por fim, a meu pai, Alexandre, necessário em todos os momentos, nas horas de apoio ou crítica e encorajamento para enfrentar todos os problemas, pelo carinho e pela atenção e por ser indispensável. A minha mãe, Lúcia, pelo carinho e dedicação.

"O esporte é o único tipo de entretenimento em que,
não importa quantas vezes você o assista,
continua sem saber o final."

Neil Simon

RESUMO

Várias pesquisas no âmbito esportivo discutem sobre a preparação de atletas, scouts de partidas, os técnicos e a preparação física dos jogadores. No entanto, a figura do árbitro passa despercebida nessas pesquisas e quando se dedica um estudo sobre eles a temática geralmente é sobre preparação física ou seus erros durante uma partida. A partir dai, surge a necessidade de pesquisas sobre arbitragem no futebol abordando o aspecto psicológico. O objetivo do presente estudo é analisar as habilidades psicológicas dos árbitros da Federação Mineira de Futebol, comparando-os entre si, a partir de uma divisão de grupos de acordo com seu quadro arbitral, regional ou nacional, sendo 10 árbitros em cada grupo, totalizando 20 indivíduos para a pesquisa. Cada árbitro respondeu ao Questionário de Habilidades Psicológicas para árbitros de futebol (C.H.P.) de González-Oya e Dosil (2004) e foram comparadas as médias dos resultados dos dois grupos de pesquisa. Como resultado obteve-se apenas uma capacidade psicológica do Grupo de árbitros do quadro nacional com valores significativamente maiores que o grupo de árbitros do quadro regional. Os resultados obtidos contribuem para debater sobre quais as diferenças mais marcantes no preparo de um árbitro de acordo com seu quadro arbitral no aspecto psicológico, além de contribuir para a construção de um planejamento de treinamento psicológico para os árbitros da Federação Mineira de Futebol e de outras localidades.

Palavras-chave: Árbitro. Futebol. Preparação psicológica. Habilidades psicológicas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Fatores determinantes que devem estar presentes no árbitro de futebol ..... .17
GRÁFICO 2 – Comparação entre as médias obtidas no questionario de cada grupo em cada questão 27

.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Relação de número de indivíduos por grupo controle..... .24
TABELA 2 – Valores mínimos e máximos possíveis de serem encontrados no questionário 26
TABELA 3 – Média, valores mínimos e máximos e desvio padrão dos resultados em cada um das oito capacidades psicológicas dos individuos do grupo 1 ..... .27
TABELA 4 – Média, valores mínimos e máximos e desvio padrão dos resultados em cada uma das oito capacidades psicológicas dos indivíduos do grupo 2. ..... .27
TABELA 5 – Ilustração númerica do gráfico 1 ..... .29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8
1.2 Justificativa 11
2 REVISÃO DE LITERATURA 12
2.1 Futebol e sua história 12
2.1 Futebol e arbitragem 12
2.2 O árbitro e suas funções 14
2.3 Psicologia do esporte e arbitragem 16
2.4 Capacidades psicológicas 18
2.4.1 Motivação 18
2.4.2 Confiança 19
2.4.3 Atenção e/ou concentração 19
2.4.4 Ansiedade 20
3 METODOLOGIA 22
3.1 Amostra 22
3.2 Materiais e métodos 22
3.3 Procedimentos 23
3.4 Delineamento 23
4 RESULTADOS 25
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 29
6 CONCLUSÃO 31
REFERÊNCIAS 33
ANEXOS 36

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, desde a criação do futebol moderno, que por muitos, tem como data de nascimento 26 de outubro de 1863, dados esses embasados e confirmados pela *The Association of Footbal Statisticians*. As inúmeras pesquisas com o tema futebol se fundamentavam na análise dos jogadores, treinamentos, partidas, técnicos, além de evidentemente análises físicas, táticas e técnicas dos atletas.

A figura do árbitro surge um pouco antes do chamado futebol moderno, segundo Antunes (1992), a arbitragem no futebol começa a surgir em 1881, porém é um dos personagens dessa nova metodologia de prática do esporte. No entanto, mesmo a arbitragem sendo uma figura antiga no futebol, não haviam pesquisas direcionadas para essa área. A este respeito, e como refletida na revisão analisada por Cruz (1997), período 1983-1995, os artigos de arbitragem e juízes esportivos não superam em 3% do total de trabalhos publicados nas revistas *International Journal of Sport Psychology*, *Journal of Sport Psychology* e *Journal of Sport Behavior.*

Atualmente, os árbitros que eram considerados como personagens secundários, vêm ganhando uma grande importância no desenrolar das partidas e principalmente um destaque na mídia esportiva, seja por seus acertos ou na maioria das vezes, pelos erros.

Esse contexto de crescimento da importância da arbitragem no cenário futebolístico vem fomentando o aparecimento de estudos sobre os mesmos em vários níveis de atuação _ físico, técnico e psicológico. Corroborando com essa hipótese, Gonzáles-Oya e Dosil (2004) afirmam que a figura do árbitro tem sido, historicamente, a que menos atenção tem recebido por parte dos psicólogos do esporte, no entanto, nos últimos 15 anos há aumentado o número de trabalhos que dedicam uma sessão especial para esse profissional. Nessa pesquisa, o foco principal é a preparação psicológica dos árbitros de futebol.

O crescimento das pesquisas sobre arbitragem no futebol e principalmente o maior espaço dado a esses profissionais na mídia, mesmo que esse espaço seja na maioria das vezes de críticas, vem colaborando para um grande aumento do número de

profissionais atuando no futebol. Segundo o Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo, estima-se que existam no mundo aproximadamente setenta e seis mil árbitros de futebol trabalhando nos mais diversos campeonatos. Somente na Federação Mineira de futebol, considerada como a 3ª maior federação do pais, são mais de 160 árbitros e assistentes filiados. Cada vez mais se debate a respeito dele e das ações que venham a melhorar seu desempenho.

No desenvolvimento de qualquer competição esportiva, os árbitros, inevitavelmente, constituem um dos elementos mais relevantes de todo o processo, em alguns momentos, sendo até o personagem principal da partida. Sua importância é imensa, pois entre suas funções prioritárias estão a coordenação e intermediação entre os atletas (SANTOS, 2010). Os esportistas e os árbitros são os únicos componentes de qualquer modalidade que tem que estar presentes para que o evento esportivo possa realizar. Portanto, segundo Guillén (2003, *apud* DOSIL; GONZÁLEZ-OYA, 2004) se falamos em esporte, temos que falar de árbitros e juízes esportivos, já que pelo contrário seria uma atividade física ou jogo, porém nunca um esporte.

> O árbitro deve apresentar um conjunto de características importantes para garantir sua boa atuação. Não só as capacidades físicas devem ser consideradas e treinadas, de fato um bom preparo físico facilita seu trabalho, mas as capacidades psicológicas também são bastante relevantes. A determinação precisa das variáveis psicológicas, das suas diferentes características de desenvolvimento e da configuração dos elementos diferenciados permite a delimitação dos fatores necessários a uma boa atuação do árbitro (SANTOS, 2010).

Entre as variáveis psicológicas, podemos analisar a ansiedade, comunicação, motivação, coesão, confiança, decisão, visualização e concentração. Para mensurarmos e avaliar essas oito escalas de habilidades psicológicas dos árbitros, no presente estudo iremos aplicar o Questionário de Habilidades Psicológicas para árbitros de futebol (C.H.P.) de González-Oya e Dosil (2004).

No cenário esportivo mundial há a demanda de uma arbitragem quase perfeita, que não esteja sujeita a erros. Como exemplo dessa necessidade de arbitragens sem erros e que interfiram pouco ou nada no placar da partida, vemos esportes como o Tênis, Futebol Americano, Basquete, dentre outros, que aderiram à utilização de recursos eletrônicos como câmeras de TV e replays instantâneos para

auxiliar os árbitros a tomarem as decisões corretas. Porém, no futebol, devido a motivos de manutenção de tradições e discussões que marcam o mundo futebolístico, esses recursos não são adotados. Os árbitros devem permanecer humanos, e não teremos monitores para parar o jogo, para ver se estamos certos ou errados. Não haverá mais discussão (entre torcedores), e então não há mais esperança, não há mais vida (FIFA, 2010).

Por esses motivos e pela falta de ajudas externas, cada vez mais não serve de nada para o árbitro apenas conhecer o regulamento bem e saber aplicá-lo. É ideal que exista um perfeito equilíbrio entre os fatores físicos, técnicos e psicológicos para uma boa atuação de um árbitro em uma partida. E de nada adianta uma adequada forma física, um correto conhecimento e aplicação do regulamento (aspecto técnico), uma boa planificação das partidas (aspecto táctico), sendo que não se consegue manter uma concentração adequada depois de um erro durante a partida, e não se dispor de recursos psicológicos adequados para completar a partida com mínimas garantias de êxito (GONZÁLEZ-OYA; DOSIL, 2004).

Os árbitros de futebol são subdivididos em categorias ou também chamamos de escalas. Como base temos os árbitros escala Federação Mineira de Futebol (FMF), que ficam responsáveis por arbitrar torneios regionais de organização da FMF, desde o Campeonato Mineiro de Futebol até torneios amadores. O segundo nível de árbitros faz parte do quadro Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que são responsáveis por arbitrar jogos de competições de responsabilidade da CBF como Campeonato Brasileiro e Copa do Brasil, além de arbitrarem geralmente os jogos mais importantes dos campeonatos regionais. E por último temos o quadro da *Federation Internationale of Football Association* (FIFA), que apitam jogos da entidade como Copa do Mundo, Liga dos Campeões da UEFA, Copa Libertadores da América e também os jogos dos países a que pertencem mais importantes. Para pertencer a cada nível de escala, os árbitros devem realizar teste e provas para que possam ascender de nível. Sendo o nível FIFA, o escalão mais alto do quadro.

O objetivo desse estudo é através da aplicação e analise do Questionário de Habilidades Psicológicas de González-Oya e Dosil (2004), comparar se há alguma diferença nos níveis de habilidades psicológicas entre os árbitros o quadro somente

FMF e aqueles do quadro FMF/CBF. Trabalhamos com a hipótese de que os árbitros FMF/CBF deverem ser melhores preparados em todos os aspectos (físico, psicológico e técnico) e com isso apresentar melhores resultados no questionário.

1.1 Justificativa

As pessoas envolvidas no futebol e principalmente aqueles interessados e responsáveis pela preparação dos árbitros de futebol reconhecem a importância de uma preparação psicológica adequada, porém na maioria das vezes não sabem como trabalhar fatores psicológicos como motivação, concentração, confiança e etc..

Apesar de uma incipiente melhora em quantidade e em qualidade de pesquisas no âmbito da preparação psicológica de árbitros, sabe-se muito pouco na prática, como prepará-los adequadamente para enfrentar todas as dificuldades de uma partida, a pressão da mídia esportiva, da torcida em jogos de grande importância e até mesmo a pressão exercida dentro de campo por treinadores e jogadores, sem que de forma alguma isso interfira em seu desempenho e concentração.

A figura do árbitro tem no aspecto psicológico, uma ferramenta importante para sua preparação e auxilio nos momentos de desequilíbrio mental durante uma partida ou temporada. Dessa maneira, o presente estudo tem o intuito de analisar oito capacidades psicológicas dos árbitros da FMF de diferentes quadros arbitrais e descobrir se há diferenças significativas de desempenho psicológico entre eles.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Futebol e sua história

A atividade mais antiga que se assemelha ao futebol moderno da qual se tem conhecimento é por volta dos séculos III e II a. C. Estes dados são baseados em um manual de exercícios correspondentes à dinastia Han da antiga China. O jogo era chamado *ts'uh Kúh* (*cuju*), e consistia em lançar uma bola com os pés para uma pequena rede. Uma variante incluía uma modalidade onde o jogador deveria passar pelo ataque dos seus adversários. Também no Extremo Oriente, embora cerca de cinco ou seis séculos depois do cuju, existia uma variante japonesa chamada kemari, que tinha um caráter mais cerimonial, sendo o objetivo do jogo manter uma bola no ar passando-a entre os jogadores. O kemari até hoje é praticado no Japão, em eventos culturais (FIFA, 2007).

No Brasil, há controvérsias em relação ao seu aparecimento, a tese mais aceita é de que o filho de ingleses, Charles Miller, tenha trazido uma bola de futebol da Inglaterra no ano de 1984.

Em 1823, na *Rugby School*, estudantes discordaram da melhor forma de se jogar. Alguns queriam utilizar as mãos e os pés e outros apenas os pés. Esse fato gerou uma divisão clara das regras entre o *football* e o *rugby* e estabelece um marco para a criação do futebol moderno (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999).

2.2 Futebol e arbitragem

O início verdadeiro de um futebol organizado e institucionalizado surgiu em no ano de 1863 na Inglaterra em uma reunião histórica realizada na Taverna *Freemason* em *Great Queen Street,* em Londres (GRECO, 1998). Nessa ocasião,

segundo Borsari e Mesquita (1974), representantes das escolas e clubes estabeleceram definitivamente uma divisão entre futebol e rugby, em relação à forma de jogar e das regras, formando a *The Football Association* (F.A) e dando forma definitiva ao jogo de futebol.

A figura do árbitro surge um pouco depois de 1974, segundo Antunes (1992), a arbitragem no futebol começa a surgir em 1881, porém é apenas um dos personagens dessa nova metodologia de prática do esporte. Entretanto, há controvérsias sobre essa verdadeira instituição da figura do árbitro em partidas de futebol, Frisseli & Mantovani (1999), por exemplo, citam que a figura do árbitro foi estabelecida em 1868, passou a utilizar-se de um apito 10 anos mais tarde.

Em 1886 foi fundada a *The International Association Board* (IFAB)*,* pelos países do Reino Unido, onde ja se era praticada um futebol com regras regulamentadas. O papel da IFAB era de definir as regras do futebol. E assim se fez até o ano de 1904 em que foi criada a FIFA pela Bélgica, Espanha, Dinamarca, França, Países Baixos, Suécia e Suíça com o intuito de reger todo futebol mundial no quesito de regras, equipes e principalmente organizar uma competição internacional (MURRAY, 2000). Entretanto, essa competição acabou correndo somente em 1930 no Uruguai, sendo a primeira Copa do Mundo de Futebol, disputada por 13 equipes (FIFA, 2010).

O futebol já havia sido apresentado ao mundo por meio de uma série de partidas de exibição durante os Jogos Olímpicos de 1900, 1904, 1906, todos a nivel de clubes, até que a edição de 1908 recebeu pela primeira vez uma competição de seleções. A medalha de ouro foi para a Seleção Britânica.

E assim o futebol veio se moldando até os dias atuais em que é considerado o esporte mais praticado e popular do mundo, cerca de 270 milhões de pessoas participam de suas competições (FIFA, 2010).

2.3 O árbitro e suas funções

Existem as regras gerais para a prática oficial do futebol. Em jogos internacionais as medidas máximas são 110x75 metros e mínimas de 100x64 metros. O jogo é disputado entre duas equipes, cada uma com 11 jogadores, que utilizam os pés e a cabeça para movimentar a bola em direção ao campo adversário, com o objetivo de colocá-la dentro do gol. Os únicos jogadores que são permitidos utilizar as mãos, dentro da área penal ou grande área, é os goleiros. A partida se divide em dois tempos de 45 minutos, com um intervalo de 15 minutos, sendo que o juiz pode acrescentar um tempo extra a cada tempo de 45 minutos se achar necessário devido às paralisações que podem ter ocorrido durante a partida (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA de FUTEBOL, 2006).

Para a realização de uma partida com eficiência e dentro dos moldes estipulados pela FIFA, deverão estar presentes no campo de jogo, no mínimo três árbitros: um como árbitro principal (responsável por apitar e tomar a decisões finais em uma partida), e outros dois como árbitros assistentes, também chamados popularmente como bandeirinhas, que tem como tarefa:

> "Indicar, sem prejuízo da decisão do árbitro, o momento em que a bola estiver fora de jogo; qual equipe deverá cobrar tiro de canto, de meta ou arremesso lateral; quando um jogador está em impedimento; quando se solicita uma substituição ou a ocorrência de alguma falta ou outro incidente que fique fora do campo visual do árbitro." (NUNES; SHIGUNOV, 2002).

Nos moldes atuais, há também a presença de um quarto árbitro, que é um árbitro reserva que ficará encarregado de substituir qualquer um dos outros três, caso estes se machuquem.

Em relação ao árbitro principal, fica clara sua grande importância para o andamento de uma partida. De acordo com Cruz (1997), os árbitros junto com os jogadores e treinadores são imprescindíveis em competições esportivas. A atuação deles em muitos esportes é o ponto chave para o espetáculo. A função do árbitro é

fazer o jogo fluir com naturalidade, sem influências de agentes externos e atuar com parcialidade. Segundo Lima (1982):

> É ser membro de uma equipe de arbitragem, é ser antes do mais adepto convicto da modalidade escolhida; é ser um conhecedor profundo das regras; é ser um juiz desportivo, responsável pelo enquadramento das competições no âmbito dos objetivos educativos e formativos que devem presidir à prática desportiva, e em conformidade com o alcance social e cultural que se reconhece ao fenômeno do desporto.

A principal função do árbitro é assegurar que a competição ocorra dentro de uma ordem. No entanto, há o momento em que a regra acaba se alterando, quando o árbitro faz-se sentir e se torna o protagonista do evento, ou é incapaz de controlar a situação. O esporte deixa de ser educativo e o que é pior, da lugar às aprendizagens inadequadas (DOSIL, 2003). Caso os protagonistas estejam dispostos à aprendizagem durante a partida, o trabalho educativo do árbitro de desenvolve com maior eficácia e fluidez.

Nas últimas décadas, vem se aproximando do futebol a tecnologia da informática e da televisão. Replays, camera lentas, tira-teimas e etc. Vem contribuindo para uma exibição do futebol mais detalhada e com mais angulos de visão, contribuindo para que o telespectador adquira a mesma, se não uma melhor, visão da partida do que os personagens do jogo que tem no campo ao vivo. Entretanto, essa tecnologia auxilia quem esta de fora, mas não quem é o responsável por conduzir a partida, o árbitro. Esses recursos, por abordarem um lance de vários angulos e velocidades, acabam por evidenciar os acertos e erros cometidos pelos árbitros nos lances polêmicos.

Segundo Nunes R. e Shigunov V. (2002):

> Fica evidente que estes agentes são favorecidos em seu trabalho de "olhar" o jogo, o que deveria, então, implicar num auxílio a quem tem a responsabilidade de julgar e precisa olhar o jogo para conduzi-lo de acordo com as leis do jogo: o árbitro da partida. Nem sempre isto ocorre. Na maioria das vezes o "olhar eletrônico" e sua interpretação pelos agentes da televisão são usadas para questionar o árbitro quanto a sua lealdade às leis do jogo, insinuando com isto favorecimento a uma das equipes envolvidas na disputa.

São situações como essa, dos recursos eletronicos, que dificultam e tornam complexa a função do árbitro de futebol. Por conseguinte, não basta mais que esse personagem do futebol, seja somente bem preparado fisicamente e ter o conhecimento

pleno das regras do jogo. De acordo com Cruz (1997), para que tenham boa atuação necessitam não só de preparo técnico, como também de boa preparação psicológica; uma realidade que muitos profissionais da Psicologia do Esporte ainda não se deram conta, o que justifica a escassez de material bibliográfico.

2.4 Psicologia do esporte e arbitragem

A Psicologia do Esporte, que apesar de ter seu início vinculado a trabalhos realizados há mais de um século, no Brasil ainda é vista como uma novidade tanto por psicólogos, tanto por profissionais do esporte, sejam eles, atletas, técnicos ou dirigentes (RUBIO, 2002).

O marco inicial da Psicologia do Esporte brasileira foi dado pela atuação e estudos de João Carvalhaes, um profissional com grande experiência em psicometria, chamado a atuar junto ao São Paulo Futebol Clube, equipe sediada na capital paulista, onde permaneceu por cerca de 20 anos, e esteve presente na comissão técnica da seleção brasileira que foi à Copa do Mundo de Futebol de 1958 e conquistou o primeiro título mundial para o país na Suécia (MACHADO, 1997; RUBIO, 1999; 2000).

Durante quase três décadas grande parte da produção acadêmica da área era produto da Psicologia no Esporte. Esse quadro apresentou uma grande transformação no final da década de 1980, com a busca dos interessados pela formação específica em outros países e a posterior organização de grupos de estudo e instrução de psicólogos brasileiros (BRANDÃO, 2000). Desde seu início e até os dias de hoje os psicólogos do esporte do esporte há prestado maior interesse, é claro, pela figura principal do esporte: o atleta, esquecendo-se dos outros componentes do mundo do esporte. A este respeito, e como refletida na revisão analisada por Cruz (1997), período 1983-1995, os artigos de arbitragem e juízes esportivos não superam em 3% do total de trabalhos publicados nas revistas *International Journal of Sport Psychology, Journal of Sport Psychology* e *Journal of Sport Behavior.*

O trabalho arbitral envolve decisões que são arriscadas e de grande responsabilidade. O árbitro deve ter decisões em curtos intervalos de tempo e sua marcação, quase sempre, são irrevogáveis. Portanto, os árbitros devem estar nos jogos com a melhor preparação possível, para isso o árbitro deverá dispor de uma preparação adequada em quatro aspectos fundamentais: físico, técnico, tático e por fim, o psicológico (BALAGUER, 2002). O ideal é que estes fatores (físico, técnico, tático, psicológico e outros) atuem em perfeito equilíbrio, posto que de nada sirva que o árbitro goze de uma adequada forma física, conhecer o regulamento e aplicá-lo corretamente, ter um preparação tática perfeita, mas ficar nervoso diante de seu primeiro erro na partida e não dispor de recursos psicológicos adequados para dirigir o resto da partida.

As delegações dos árbitros estão preocupadas com a preparação dos seus membros e tendem a oferecer somente uma aula teórica por semana. Esta preparação se concentra quase que exclusivamente nos aspectos técnicos e às vezes físicos, ignorando os outros fatores citados anteriormente. A perspectiva física e a técnica, não são suficientes para que os árbitros tenha uma atuação satisfatória, pois necessita dispor de habilidades psicológicas, como a concentração, a auto-confiança, a comunicação verbal e não verbal, o autocontrole emocional ou a relação adequada com os outros juízes, se quer render adequadamente o campo de jogo.

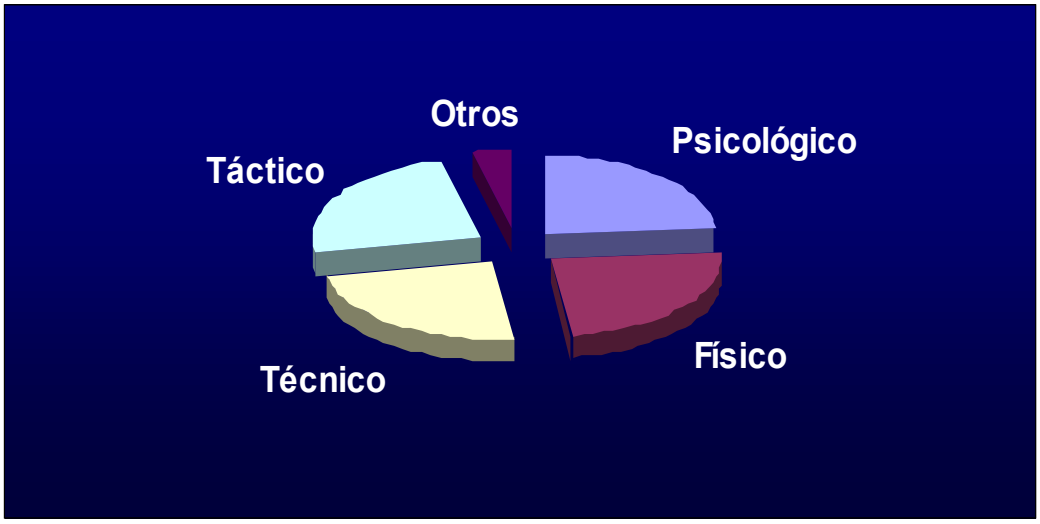

GRÁFICO 1 - Fatores determinantes que devem estar presentes no árbitro de futebol.
Fonte: GONZÁLEZ-OYA; DOSIL, 2004.

Nesse sentido, Johnson e Moos (1976), enfatizam a necessidade de incluir os aspectos psicológicos nas ações de treino das delegações de árbitros, mais recentemente, Cruz (1997) sugere que a preparação do árbitro não deve ser basear somente em sua formação técnica, mas sim enfatizar em seu assessoramento psicológico.

2.5 Capacidades psicológicas

No presente estudo será aplicado nos áribtros da FMF o Questionário de Habilidades Psicológicas (C. H. (P.) de González-Oya e Dosil (2004)). Este questionário analisa oito habilidades psicológicas: ansiedade, comunicação, motivação, coesão de equipe, confiança, tomada de decisão, a visualização e concentração.

2.5.1 Motivação

Normalmente as pessoas se questionam sobre qual seria o motivo e/ou motivação de uma pessoa se tornar árbitro de futebol, visto que é uma figura geralmente odiada pelas torcidas, sofrem várias cobranças da imprensa, jogadores e quando tem uma boa atuação pouco são citados e elogiados, porém quando erram passam por uma verdadeira bomba de críticas e indagações. Um estudo de González-Oya e Dosil (2004), com árbitros da comunidade Galícia, mostra quais as principais razões para a iniciação como árbitro e sua manutenção na profissão. Na verdade, as razões são as mesmas. Pela diversão e pelo convívio com os colegas são as mais utilizadas em ambos os grupos. Também aparecem, embora em com porcentagens menores, as razões financeiras e “pelo esporte”. Com relação aos motivos que levam ao abandono da profissão, vemos como "à toa", "uma doença / lesão" e "agressão física" são os motivos mais frequentes.

2.5.2 Confiança

Ao abordarmos a capacidade confiança, ou também chamada de auto-estima, podemos defini-las como a nossa capacidade de pensar; nossa habilidade de enfretamento dos desafios da vida; nosso direito de vencer e de sermos felizes (BRANDEN, 2000). Para ele, o nível da auto-estima influencia os atos, e o modo como se age influencia por sua vez, o nível da auto-estima, ou seja, uma tomada de decisão correta durante uma partida pode gerar um nível de auto-estima favorável ao árbitro, ou então uma boa auto-estima durante uma partida pode levá-lo a tomar decisões acertadas. Para Sabbi (1999), há uma série de indícios físicos, emocionais e psicológicos que retratam se a pessoa tem uma auto-estima saudável ou boa, como por exemplo: atitude física relaxada; postura correta e equilibrada; amor próprio; auto-aceitação; segurança; autoconfiança e capacidade de confiar nos outros; determinação em saber o que quer - entre outros. Nazareno (1997, p.89), sobre a grande dificuldade dos árbitros de futebol na atualidade.

> Não é como muitos pensam, a incapacidade destes de acompanhar com maior precisão o jogo, que se torna cada vez mais veloz e melhor percebido para quem possui a tecnologia (televisiva) para ver, mas, a insegurança e instabilidade emocional causada pelas fortes pressões exercidas no âmbito mais abrangente deste esporte, ou seja, não apenas a partir do que ocorre no interior das quatro linhas do campo de jogo.

Ou seja, se torna imprescindível que o árbitro tenha confiança em suas habilidades e capacidades para que obtenha êxito em suas atuações.

2.5.3 Atenção e/ou concentração

A atenção é o processo que direciona nossa vigília quando as informações são captadas pelos nossos sentidos. Ela também pode ser vista como um mecanismo que consiste na estimulação da percepção seletiva e dirigida (GUALLAR; PONS, 1994;

MARTENS, 1987; SAMULSKI, 2002). Dentre seus diversos tipos destaca-se a concentração que pode ser definida como a focalização da atenção em um determinado objeto ou em uma ação (SAMULSKI, 2002). No esporte ela é a habilidade de focalizar em estímulos relevantes do ambiente e de manter esse foco ao longo do evento esportivo (WEINBERG, 1988; WEINBERG; GOULD, 2001). Levando em conta todos esses conceitos, fica clara a importância da atenção no processo de preparação psicológica de um árbitro de futebol. Ele precisa sempre estar com sua atenção focalizada e dirigida para o lance do jogo, sem que haja interferências externas em sua concentração.

A capacidade de se manter concentrado em determinada ação é uma tarefa difícil, onde fatores internos e externos podem fazer o indivíduo ter problemas para manter o foco de atenção. Como fator interno pode citar: pensar em eventos passados, pensar em eventos futuros, ficar tenso sob pressão e a fadiga e como fatores externos, temos distrações visuais, distrações auditivas e provocações de torcida e jogadores. Portanto são inúmeros fatores que podem contribuir para um déficit de atenção momentâneo dos árbitros e que podem resultar em uma falhar crucial e colocar em jogo toda sua atuação e em até alguns casos sua reputação e carreira.

2.5.4 Ansiedade

De uma maneira geral e resumida, a ansiedade é definida por Weinberg e Gould (1995) como “um estado emocional negativo que inclui sensações de nervosismo, preocupação e apreensão, relacionadas com a ativação fisiológica ou excitação do organismo”.

A ansiedade é uma variável que está constantemente presente na vida dos árbitros. Ao mesmo os árbitros são os indivíduos que controlam diretamente o esporte competitivo e são as pessoas que estão habilitadas a tomar decisões importantes durante a competição. Sua presença é fundamental e de vital importância para o esporte, porque pode ser muito influente no desenvolvimento

uma competição. Sua ansiedade pode aumentar significativamente devido a várias situações que estão implicadas no esporte. Mais ainda quando a sua importância tem crescido drasticamente nos últimos anos devido ao aumento da relevância social, econômica, política e cultural do fenómeno esportivo. E dessa forma, os erros arbitrais podem causar efeitos diferentes áreas, não apenas no esporte (GUILLÉN, 2003; SAMULSKI e NOCE, 2003).

Entre os fatores considerados mais estressantese causadores da ansiedade para os árbitros são o medo do fracasso, os danos físicos, o cansaço físico e mental, falhar em momentos decisivos, os conflitos interpessoais, a pressão causada pelo tempo, o medo de errar e os conflitos com a mídia, espectadores e jogadores (SAMULSKI e NOCE, 2003).

3 METODOLOGIA

3.1 Amostra

A amostra foi composta por 20 árbitros filiados á Federação Mineira de Futebol (10 árbitros do quadro FMF e 10 do quadro FMF/CBF), entre 20 e 45 anos de idade, sem restrição de gêneros. Os indivíduos selecionados assinaram um termo de consentimento antes do início da aplicação do teste autorizando sua participação no estudo.

Os dados foram coletados nos meses de agosto e setembro de 2010, durante reuniões e sessões de treinamento dos árbitros realizados em Belo Horizonte na Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Apenas participaram das pesquisas aqueles que assinaram o termo de consentimento (Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa, segundo a orientação da Resolução nº. 196/96 do Ministério da Saúde, a respeito de pesquisas envolvendo seres humanos) (anexo 2 – pagina 39).

3.2 Materiais e métodos

Durante os meses de agosto e setembro de 2010, os árbitros foram levados até o laboratório de computação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG e responderam nos computadores ao Questionário de Habilidades Psicológicas (C. H. P.) (anexo 1 – página 36).

Os árbitros foram selecionados e os grupos de estudo foram divididos da seguinte maneira:

1) 10 árbitros do quadro da Federação Mineira de Futebol;

2) 10 árbitros do quadro da Federação Mineira de futebol/Confederação Brasileira de Futebol.

TABELA 1

Relação de número de indivíduos por grupo controle

Grupo Controle/Quadro Arbitral	**Sujeitos** (N° de árbitros)
G1 FMF	10
G2 FMF/CBF	10

3.3 Procedimentos

O instrumento selecionado foi o Questionário de Habilidades Psicológicas de González-Oya e Dosil (2004). Este questionário é composto de 32 itens, divididos em oito habilidades: ansiedade, comunicação, motivação, coesão de equipe, confiança, tomada de decisão, a visualização e concentração.

3.4 Delineamento

Foi utilizada estatística descritiva para análise e discussão dos resultados (média e desvio padrão) de cada grupo, que serão apresentados no próximo item. Além disso, foi utilizado o Teste T simples pareado para comparação das médias dos dois grupos de árbitros.

((((O Questionário de Habilidades Psicológicas apresenta 32 questões fechadas com quatro tipos de respostas diferentes: a) nunca; b) às vezes; c) com freqüência; d) sempre. Sendo que cada uma fornece um escore padrão que concede 1 ponto para as respostas marcadas como “nunca”, 2 para aqueles “gravados “às vezes”, 3 para respostas “com freqüência” e 4 para a resposta “sempre”“. No entanto, há uma

série de itens, cuja pontuação é invertida, ou seja, nestes casos, a pontuação seria 4, 3, 2 e 1 para nunca, às vezes, com freqüência e sempre, respectivamente. Dessa forma, ao fim das 32 perguntas há um escore final para cada uma das oito habilidades, sendo os escores mínimos e máximos que podem ser encontrados variáveis de acordo com a habilidade, e, por conseguinte, quanto mais elevado o escore, melhor o estado de treinamento e preparação do árbitro para dada habilidade.

Serão calculados as médias e desvio padrão de escore em cada uma das oito variáveis calculadas em cada grupo e depois haverá uma comparação dessas medias entre os dois grupos de pesquisa.

4 RESULTADOS

Cada capacidade psicológica abordada no questionário apresenta um valor máximo e mínimo possível de serem encontrados, variando entre 2 a 24 pontos, de acordo com o número de perguntas e valores para cada resposta em cada capacidade, esse valores serão expostos na (TAB. 2).

TABELA 2
Valores mínimos e máximos possíveis de serem encontrados no questionário.

Capacidade Psicológica	Mínimo	Máximo
Ansiedade	6	16
Comunicação	4	16
Motivação	6	24
Coesão de equipe	4	12
Confiança	6	24
Tomada de Decisão	3	12
Visualização	4	16
Concentração	2	8

A TAB. 3 apresenta a média, valores mínimos e máximos de pontuação encontrados no questionário e desvio padrão dos resultados em cada uma das 8 capacidades psicológicas analisadas nos árbitros do quadro FMF (grupo 1, n = 10).

TABELA 3
Média, valores mínimos e máximos e desvio padrão dos resultados em cada uma das oito capacidades psicológicas dos indivíduos do grupo 1.

Capacidade Psicológica	**Média**	Mínimo	Máximo	Desvio padrão
Ansiedade	13,9	10	16	1,72
Comunicação	11,6	9	15	2,01
Motivação	20,1	18	21	1,29
Coesão de equipe	7,4	4	9	1,58
Confiança	18,3	15	21	2,45
Tomada de Decisão	9,4	8	11	1,43
Visualização	12,4	11	16	1,58
Concentração	6,6	5	8	1,07

TABELA 4
Média, valores mínimos e máximos e desvio padrão dos resultados em cada uma das oito capacidades psicológicas dos indivíduos do grupo 2.

Capacidade Psicológica	**Média**	**Mínimo**	**Máximo**	**Desvio padrão**
Ansiedade	15	13	16	1,05
Comunicação	12,9	9	16	2,33
Motivação	21,2	19	23	1,55
Coesão de equipe	7,5	5	10	1,58
Confiança	21,4	20	23	1,26
Tomada de Decisão	9,9	7	12	1,91
Visualização	13,8	11	16	1,55
Concentração	7,1	6	8	0,95

No GRAF. 2 apresentamos uma comparação das médias obtidas por cada grupo controle (G1 – FMF e G2 – FMF/CBF) em cada uma das oito habilidades presentes no questionário. Apontando e identificando com um * aqueles quesitos que apresentaram uma diferença significativa para um p<0,05.

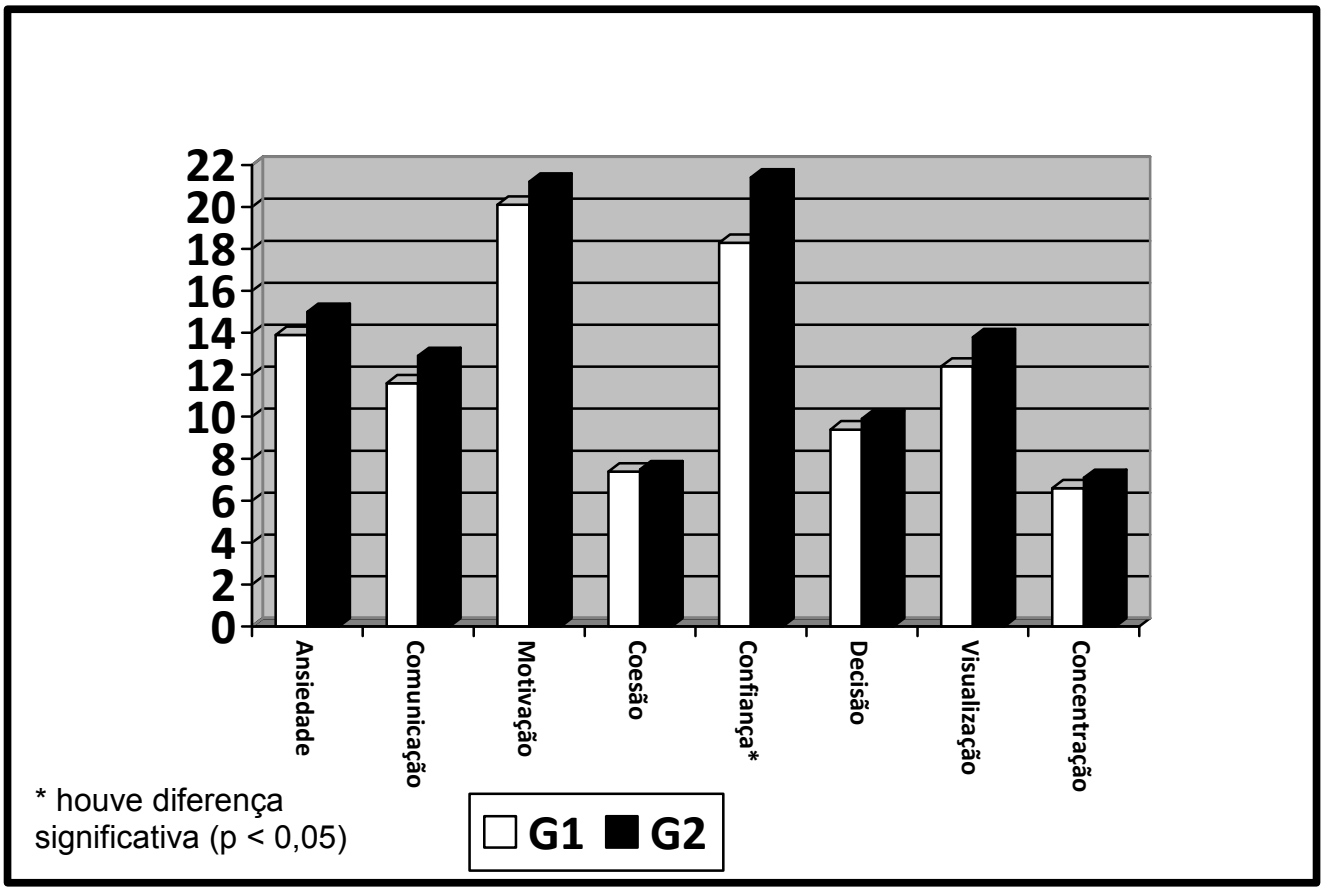

GRÁFICO 2 - Comparação entre as médias obtidas no questionário de cada grupo em cada quesito.

TABELA 5
Ilustração numérica do gráfico 2

Capacidade Psicológica	G1(Média)	G2(Média)	D. Padrão
Ansiedade	13,9	15	0.146
Comunicação	11,6	12,9	0.196
Motivação	20,1	21,2	0.170
Coesão	7,4	7,5	0.891
Confiança	18,3	21,4	0.015
Decisão	9,4	9,9	0.621
Visualização	12,4	13,8	0,05
Concentração	6,6	7,1	0.363

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Analisando a TAB. 2 podemos perceber que para cada capacidade psicológica avaliada no teste, podemos encontrar diferentes valores mínimos e máximos, isso ocorre, porque como já foi dito, o Questionário de Habilidades Psicológicas apresenta 32 questões fechadas com quatro tipos de respostas diferentes: a) nunca; b) as vezes; c) com freqüência; d) sempre. Sendo que cada uma fornece um escore padrão que concede 1 ponto para as respostas marcadas como “nunca”, 2 para aqueles gravados “às vezes”, 3 para respostas “com freqüência” e 4 para a resposta “sempre”. No entanto, há uma série de itens, cuja pontuação é invertida, ou seja, nestes casos, a pontuação seria 4, 3, 2 e 1 para nunca, às vezes, com freqüência e sempre, respectivamente.

Após uma análise dos resultados obtidos nas TAB. 3 e 4 e do GRAF. 2, e aplicado o Teste T simples pareado para comparação das médias dos dois grupos (n=10) de árbitros, chegamos a conclusão que apenas a variável “confiança”, apresentou diferença significativa ($p=0,015$) para um $p < 0,05$ na comparação das médias de valores encontrados nos G1 e G2. Percebe-se também uma tendência a haver diferença significativa na capacidade “visualização”, que apresentou um $p = 0,05$. Nas outras capacidades, apesar dos resultados melhores do grupo G2 (árbitros FMF/CBF), não houve significância nessa superioridade de resultados do G2 na comparação das médias para um $p<0,05$ (dados mostrados no GRAF. 2 e TAB. 5) com o G1.

Esses dados mostram que os árbitros do QUADRO CBF/FMF (G2) apresentam resultados melhores que os árbitros do quadro FMF (G1) na capacidade “confiança” e uma tendência de superioridade na capacidade “visualização”.

Em relação aos dados obtidos nesse estudo em comparação com o estudo original de González-Oya e Dosil (2004) que analisou os árbitros da Federação Espanhola de Futebol. O Grupo 1 apresentou médias superiores nas capacidades “ansiedade”, “motivação” e “visualização”, em comparação com os árbitros espanhóis. Já o Grupo 2 apresentou as capacidades “ansiedade”, “motivação”, “confiança”,

“visualização” e “concentração” com médias superiores ao árbitros espanhóis da pesquisa de González-Oya e Dosil.

6 CONCLUSÃO

Ao contrário do que era esperado, e não confirmando a hipótese inicial do estudo, os resultados no questionário dos árbitros FMF/CBF (G2) não foram significativamente melhores que os resultados dos árbitros FMF (G1), com exceção da habilidade “confiança”. Essa superioridade era esperada porque um árbitro para atingir e se manter no quadro CBF tem de apresentar uma melhor condição (física, técnica e psicológica), pois apitam jogos de maior dificuldade e de melhor nível técnico que os árbitros do quadro FMF. No entanto, mesmo que não tenham sido significantes, todos os resultados do G2 foram superiores que do G1, evidenciando assim tal superioridade citada.

Pode-se questionar que a superioridade dos dados dos árbitros CBF não tenha sido significativa por um motivo, o baixo número de indivíduos em cada grupo na pesquisa (n=10). Provavelmente com um n muito superior a esse essas diferenças fossem significativas. No entanto nesse caso, ficou impossibilitado um N superior a 10 devido a falta de árbitros da FMF no quadro da CBF. Seria interessante uma pesquisa mais abrangente, utilizando sujeitos de várias Federações de futebol, e até mesmo utilizar árbitros do quadro CBF/FIFA.

Fica clara a importância de uma preparação completa dos árbitros de futebol e de todos outros esportes. A preparação física e técnica desses sujeitos do esporte já é bem difundida e avançada, no entanto, a preparação psicológica ainda está bem precária e na maioria das vezes é inexistente. De acordo com os resultados apresentados árbitros de uma escala avançada, apresentam capacidades psicológicas mais bem preparadas, mesmo que esses árbitros não passem por nenhuma sessão ou rotina de treinamento mental.

Mesmo com já reconhecida importância sobre o treinamento psicológico para todos componentes do esporte, sejam árbitros e atletas, muitos estudos ainda são necessários para que se possa dar mais sustentação teórica e quanto à preparação dos árbitros de futebol. Isto possibilitará que os treinamentos realizados sejam cada vez mais específicos e precisos. Toda essa melhoria e especialização contribuirão para a

formação dessa figura que a cada década vem ganhando mais visibilidade no cenário esportivo, reduzindo drasticamente o percentual de erros durante as partidas e até contribuir para uma futura profissionalização da arbitragem no futebol mundial.

REFERÊNCIAS

BALAGUER, I. La preparación psicológica en el tenis**.** In Dosil, J. (Ed.), **El psicólogo Del deporte.** Asesoramiento e intervención. Madrid: Editora Síntesis, 2002. p. 239-276.

BORSARI, J. R.; MESQUITA. C. P. **Futebol de Campo – Futebol de Salão:** Manual de Educação Física. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1974. v. 3.

BRANDÃO, M. R. F. A formação e profissionalização do Psicólogo do Esporte**.** In: RUBIO, K. (org.). **Encontros e desencontros:** descobrindo a Psicologia do Esporte*.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BRANDEN, B**. Auto-estima e os seus seis pilares**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA de FUTEBOL. **Regras Oficiais de Futebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

CONGRESO GALLEGO-PORTUGUÉS DE PSICOLOGÍA DEL DEPORTE, 1., 2004, Vigo. **Anais...** Vigo: Universidade de Vigo, 2004.

CRUZ F.J. Asesoramiento psicológico en el arbitraje. In: CRUZ F.J. **Psicología del Deporte**. 2. ed. Madrid: Editora Síntesis, 1997. p. 245-269.

DOSIL, F.J. La función educativa Del árbitro y juez deportivo. In: GUILLÉN, F.G. (Dir.). **Psicología del arbitraje y el juicio deportivo.** Barcelona: Editora INDE, 2003. v. 1. p. 133-160.

FEDERATION INTERNATIONALE OF FOOTBALL ASSOCIATION (FIFA). **Regras do jogo.** Zurich: Suíça, 2010.

FEDERATION INTERNATIONALE OF FOOTBALL ASSOCIATION (FIFA). Disponível em: <http://es.fifa.com/classicfootball/history/game/historygame1.html>. Acesso em: 8 nov. 2010.

FRISSELLI, A. & MANTOVANI, M. **Futebol:** teoria e prática**.** São Paulo: Editora Phorte, 1999.

GONZÁLEZ - OYA, J. ; DOSIL, J. Características psicológicas de los árbitros de fútbol de la Comunidad Autónoma Gallega. **Cuadernos de psicología del deporte**, v. 4, n. 1/2, 2004.

GONZÁLEZ - OYA, J.; DOSIL, J. Características psicológicas de árbitros de fútbol. **Cuadernos de psicología del deporte**. Vigo, v. 4, n. 1-2, p. 53-56, Jan. 2004.

GRECO, P. J. & BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GUALLAR, A.; PONS, D. Concentración y atención en el deporte. In: BALAGUER I. (Org.), **Entrenamiento Psicológico en el Deporte**. Valencia: Albatros Educación, 1994. p. 207-245.

GUILLÉN, F.G. Panorama actual en el estudio del arbitraje y el juicio deportivo desde una perpectiva psicológica. In: _____. **Psicología del arbitraje y el juicio deportivo.** Barcelona: Editora INDE, 2003. v. 1. cap. 1. p. 7-24.

JOHNSON, L.; MOSS, B. A New Approach to Teaching Sports Officiating. **Journal of Physical Education and Recreation**. v. 47, n. 5, maio. 1976.

LIMA, O. **O futebol da gente**. Mossoró: Editora Mossoró, 1982.

MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte.** Temas emergentes**.** Jundiaí: Ápice, 1997.

MARTENS, R. **Coaches guide to sport psychology**. Champaign: Human Kinectics Publishers, 1987.

MURRAY, B. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000. 284 p.

NAZARENO, A. **Fundamentos de arbitragem de futebol.** Porto Alegre: Sulina, 1997.

NUNES, R.; SHIGUNOV, V. Auto-estima do árbitro de futebol do estado de Santa Catarina. **Revista de Educação Física da UEM**. Maringá, v. 13, n. 2, p. 71-79, 2002.

RUBIO, K. Origens e evolução da psicologia do esporte no Brasil. Biblio 3W*,* ***Revista* Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidade de Barcelona v. 7, n. 373, maio, 2002.

RUBIO, K. Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Rumos e necessidades da Psicologia do Esporte no Brasil. In RUBIO, K. (org.). **Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*.*** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SABBI, D. **Sinto, logo existo***.* Porto Alegre: Alcance,1999.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte**. Barueri: Editora Manole, 2002.

SAMULSKI, D. M.; NOCE, F. Estrés Psicológico en árbitros de deportes colectivos. In: GUILLÉN, F. (Dir.), **Psicología del arbitraje y el juicio deportivo.** Barcelona: Editora INDE, 2003. v. 1. cap. 1. p. 109-132

SANTOS, V.M. **Análise da Atenção e Concentração para o Árbitro de Futebol através de um Referencial Teórico**. 2010. 35 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

THE ASSOCIATION OF FOOTBAL STATISTICIANS. Disponível em: <http://www.11v11.com/index. php?pageID=1>. Acesso em: 4 nov. 2010.

WEINBERG, R. S. **The mental advantage**: Developing your psychological skills in tennis. Champaign: Leisure Press, 1988.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. 2. Ed.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1: Questionário de Habilidade Psicológicas

1. Durante el partido me siento presionado por el ambiente.
A)Nunca **B)**Alguna vez **C)**Com frecuencia **D)**Siempre
2. Si un jugador se dirige a mí de forma adecuada, presto atención a lo que dice.
3. Estoy deseando que llegue el fin de semana para arbitrar.
4. Cuando estoy pasando un mal momento, me siento apoyado por mis compañeros de arbitraje.
5. Por muy complicado que se ponga el partido, confío en que lo puedo sacar adelante.
6. Soy consecuente con las decisiones que tomo en los partidos.
7. Antes del partido, suelo imaginarme arbitrando.
8. Durante el partido me distraen pensamientos que nada tienen que ver con el desarrollo del juego.
9. Me produce inquietud advertir que estoy siendo evaluado (por ejemplo, veo al observador en la grada).
10. Al final del partido le doy la mano a los jugadores.
11. Confío en que ésta será una buena temporada.
12. Tengo relaciones cordiales con mis compañeros de arbitraje.

13. Antes del partido dudo si lo haré bien.
14. Me resulta fácil tomar decisiones en el terreno de juego.
15. Cuando me imagino arbitrando soy capaz de sentir el ambiente del partido.
16. Durante el partido pienso en cosas que nada tienen que ver con el encuentro.
17. Me ponen nervioso los comentarios del público.
18. Me gusta mirar a los ojos a las personas con las que hablo en el campo.
19. Los delegados favorecen que exista un adecuado ambiente de equipo entre nosotros.
20. Parte de mi tiempo libre lo paso con mis compañeros de arbitraje.
21. Cuando vuelvo a un campo en el que tuve problemas, mi confianza disminuye.
22. No me gusta tomar decisiones difíciles.
23. Al finalizar el encuentro, me gusta analizar mentalmente las jugadas más comprometidas.
24. Los comentarios de los entrenadores afectan a mi rendimiento.
25. Cuando hablo con los entrenadores, tengo dificultad para encontrar las palabras adecuadas.
26. A medida que transcurre la temporada pienso en abandonar el arbitraje.
27. En momentos difíciles del partido pierdo mi autoridad en el terreno de juego.

28. Me resulta fácil experimentar mentalmente las sensaciones del arbitraje.
29. Estoy desilusionado con el mundo del arbitraje.
30. Una mala decisión al comienzo del partido hace que mi confianza disminuya.
31. Me resulta agradable pensar en el partido del fin de semana.
32. Después de una serie de actuaciones desafortunadas, confío en que mi buena forma física me ayude a superarla.

ANEXO 2: Termo de consentimento livre e esclarecido

Pesquisa: Analise das Habilidades Psicológicas dos árbitros da Federação Mineira de Futebol.

Esta é uma pesquisa para analisar as Habilidades Psicológicas (Ansiedade, comunicação, motivação, coesão, confiança, decisão, visualização e concentração) dos árbitros da Federação Mineira de Futebol (FMF), visando verificar o nível psicológico dos árbitros da FMF. Observa-se a importância de se investir em pesquisas para a melhora do desempenho psicológico do árbitro de futebol evitando, desta maneira, que decisões equivocadas provocadas pelo esgotamento físico e mental durante a partida possam influenciar o resultado da partida.

O objetivo da pesquisa é a o perfil psicológico dos árbitros mineiros e suas habilidades (Ansiedade, comunicação, motivação, coesão, confiança, decisão, visualização e concentração). Será aplicado o Questionário de Habilidades Psicológicas para árbitros de Futebol, os quais serão analisados com base na estatística e as conclusões divulgadas.

Será aplicado o Questionário de Habilidades Psicológicas para árbitros de Futebol, os quais serão analisados com base na estatística e as conclusões divulgadas.

Desta forma, convidamos você a participar desta pesquisa, coordenada pelo Prof. Ms. Alexandre Paolucci, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG. Sua participação é voluntária.

O encontro será conforme disponibilidade e será previamente agendado. Todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa serão previamente esclarecidos e deixamos claro que não há riscos. Informamos, ainda, que você, enquanto voluntário (a), pode se recusar a participar deste estudo ou que pode abandoná-lo a qualquer momento, sem precisar se justificar e sem qualquer constrangimento.

Será garantido o anonimato quanto à sua participação e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa coordenada pelo pesquisador.

Informamos que não está previsto qualquer forma de remuneração e que todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade do pesquisador.

Tendo todas as dúvidas sido esclarecidas e se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, você, enquanto voluntário (a), tem total liberdade para esclarecê-las com a equipe responsável. Os pesquisadores podem decidir sobre a sua exclusão enquanto voluntário (a) do estudo por razões científicas, sobre as quais será o mesmo devidamente informado.

Após o que foi exposto acima, eu enquanto voluntário (a), dou o meu consentimento,

Belo Horizonte, _____ de_____2010.

Assinatura do (a) voluntário (a): _____

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Telefone do pesquisador: 3461-8444. Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005. Telefone: 3409-4592.